

A PALAVRA QUE TRAZ FÉ: O DESAFIO DE PERSUADIR CÉTICOS À CRENÇA

The word that brings faith: the challenge of persuade skeptics to believe.

Dr. Jilton Moraes¹

RESUMO

Ensaio, a partir do estudo de textos bíblicos, apresentando a fé como condição fundamental para que a Palavra seja, não apenas proclamada, mas vivenciada por pregadores/as que pela fé a recebem e como resultado da própria experiência a transmitem, porque creem ser ela poderosa e penetrante, capaz de alcançar e transformar ouvintes.

Palavras Chave: Palavra. Fé. Pregação. Prédica. Pregador.

ABSTRACT

Essay, from the study of biblical texts, which presents the faith as a fundamental condition so that the Word may not only be proclaimed, but experienced by preachers, who by faith receive it and, as a result of their own experience transmit it, because they believe it to be Powerful and penetrating, capable of reaching and transforming listeners.

Keywords: Word. Faith. Preaching. Sermon. Preacher.

¹Doutorado por Notório Saber pela Escola Superior de Teologia, EST (São Leopoldo, RS, 2012), após defesa de tese em banca de doutorado. Curso livre de bacharel, mestre e doutor em Teologia, pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, STBNB (Recife, PE, 1993). Membro do Conselho da Rede Latino-Americana de Homilética, RedLAH. 46 anos de experiências pastorais, havendo dirigido igrejas da Convenção Batista Brasileira, CBB, em Fortaleza (CE), Belém (PA), Teresina (PI) e Recife (PE). Ensina Homilética há mais de 40 anos; tem servido como pregador, professor visitante, escritor e consultor. Tem quinze livros publicados, nove dos quais na área da pregação. Um de seus livros está publicado em espanhol, *Homilética: de la investigación al púlpito* (Buenos Aires: Editorial Peniel, 2011).

INTRODUÇÃO

A comunicação da Palavra é anúncio de fé que nos permite compreender a ação divina. A declaração que abre a história sagrada – “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1.1) – conduz-nos ao fato da preexistência e da preeminência do Cristo. Assim é que João abre o seu evangelho apontando para a dimensão da eternidade: – “No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus e era Deus. Ele estava com Deus no princípio” (Jo 1.3-4). Nesse mesmo sentido, Paulo completa: “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra [...] Ele é antes de todas as coisas e nele tudo subsiste” (Cl 1.15-16). Assim, podemos afirmar que a pregação cristã só tem sentido enquanto anúncio da Palavra redentiva, cujo clímax é aquele que morreu para dar vida a todos quantos, pela fé, o recebem como senhor.

O costume de pessoas se reunirem diante de um/a pregador/a é antigo. As narrativas do Êxodo destacam a figura do pregador Moisés, que comunicava ao povo e ao Faraó o que Deus lhe falava. A força dele era a certeza do acompanhamento divino (Êx 4.12), e a persuasão de sua palavra estava em declarar o que Senhor lhe ordenara. Ele pregava o “assim diz o Senhor”.

Esse costume do pregador/a reunido com o povo já não tem a mesma feição. É verdade que fiéis continuam indo ao templo, mas nem sempre motivados a ouvir prédicas. Ouvintes rebeldes não estão dispostos a escutar o que Deus tem a lhes falar e pregadores indiferentes não comunicam o que Deus tem a comunicar ao povo. O púlpito, na atualidade, está mais notado pela falácia que pela eficácia. A afirmação “estou cansado de ouvir sermões”, antes proferida sem qualquer referência ao púlpito, é hoje um dito comum por algumas pessoas que estão cansadas de ouvir sermões que “começam mal, caminham mal e, de tão ruins, parecem intermináveis.”² É fato que proclamamos verdades eternas, mas nós, que as anunciamos, somos vasos de barro. Os nossos sermões não aparecem milagrosamente prontos. “Vem do alto, mas não em sua forma final. A inspiração vem do Senhor; ele nos diz o que pregar, porém o desenvolvimento da mensagem cabe a nós, pregadores [...] A tarefa de pregar é abençoada, mas é, de igual modo, bem suada”.³

A situação caótica do púlpito complica-se ainda mais porque a pregação, que

²MORAES, Jilton. *O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012, p. 19.

³MORAES, 2012, p. 31.

deveria acontecer no contexto do culto está, muitas vezes, mais inserida em um show gospel, com forte apelo a torná-la um espetáculo midiático. Isso faz com que a proclamação da Palavra, falada e cantada, perca a excelência, uma vez que pregador e músico saíram do lugar de onde nunca deviam ter ousado se afastar: preferindo os aplausos do mundo, afastaram-se da cruz e do Crucificado. Com isso, a prédica entra em declínio. “Prédicas perdem seu lugar no culto porque deixam de ser relevantes na vida dos ouvintes: tornam-se irrelevantes por causa do descaso daqueles que deveriam dar a vida para comunicar com entusiasmo a mensagem capaz de transformar o mundo”.⁴

Em meio a esse caos, urge encontrarmos uma saída. Somos simples escravos comunicando o que o Senhor nos ordena. A Palavra é dele: somos tão somente portavozes, privilegiados em comunicar a Palavra que traz fé, chamados a persuadir céticos à crença, desafiando-os a viver pela fé.

Quem creu em nossa mensagem e a quem foi revelado o braço do Senhor? (Is 53.1).

A indagação tem a ver com a humilhação e a exaltação do Servo, visão antecipada do sofrimento de Jesus Cristo, desafio à comunicação da Palavra em todos os tempos. A descrição é a de uma pessoa que cresce entre eles, sem qualquer beleza ou esplendor, sem nada especial em sua aparência; alguém desprezado, que conhece a tristeza e está familiarizado com o sofrimento; que assume as enfermidades do próximo e sofre no lugar de todos: um personagem traspassado pelas nossas transgressões e esmagado pelas nossas iniquidades; mas que na sua aflição nos dá a verdadeira paz e pelas suas feridas ele nos cura. Alguém que sofre em silêncio, intercede pelos algozes, morre e é sepultado (Cf Is 53.1-1).

Na pregação de Pedro está o prosseguimento desse quadro pintado pelo profeta, mas com destaque para o detalhe que o valida – Deus ressuscitou Jesus de Nazaré:

Saibam os senhores e todo o povo de Israel que por meio do nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem os senhores crucificaram, mas a quem Deus ressuscitou dos mortos, este homem está aí curado diante dos senhores. Este Jesus é ‘a pedra que vocês, construtores, rejeitaram, e que se tornou a pedra angular’. Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devemos ser salvos. Vendo a coragem de Pedro e de João, e percebendo que eram homens comuns e sem instrução, ficaram admirados e reconheceram que eles haviam estado com Jesus (At 4.10-13).

⁴MORAES, Jilton. Pregue mais em menos tempo. Curitiba: Luz e Vida, 2016, p. 42.

A ocasião foi o aglomerado que se formou após a cura do aleijado, junto à porta do templo (At 3.1-11). Pedro, aproveitando esse ajuntamento, prega para proclamar o poder de Jesus. Toda sua prédica pode ser resumida nesta verdade: *o poder de Cristo fez andar este homem que nele confiou*. Para defendê-la, Pedro relaciona Jesus de Nazaré com o Deus do Antigo Testamento: “O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus dos nossos antepassados, glorificou seu servo Jesus” (Atos 3.13a). Ele realça que o ministério de Jesus foi de acordo com o plano traçado pelo Deus de Israel. E mais uma vez aponta ao povo a culpa que lhes cabia na morte de Jesus: “a quem vocês entregaram para ser morto e negaram perante Pilatos, embora ele tivesse decidido soltá-lo” (Atos 3.13b). Fica claro aqui o contraste: enquanto Deus glorificou Jesus, o povo o rejeitou: “Vocês negaram publicamente o Santo e Justo e pediram que lhes fosse libertado um assassino. Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos. E nós somos testemunhas disso” (Atos 3.14-15).⁵ É essa a fé que dá singularidade à pregação, dá ousadia ao pregador/a, possibilitando-o a exaltar o nome de Jesus.

I. FÉ NO NOME DE JESUS

A autêntica pregação cristã acontece quando um seguidor/a de Jesus, obediente à sua determinação, proclama com fé a palavra da fé, capaz de persuadir céticos à crença. Palavra, prédica e pregador caminham juntos. A PALAVRA é o anúncio da PRÉDICA, efetivada pela instrumentalidade do PREGADOR. No púlpito acontece não apenas a exposição da Palavra, mas a declaração da fé vivenciada pelo pregador/a.

No púlpito, mais que apresentar a Palavra, partilhamos vida. O anúncio que conduz à fé vem da partilha da nossa experiência pessoal. Não adianta memorizar textos bíblicos, nem dominar teologia, línguas originais, exegese, hermenêutica, homilética e demais ciências. Sem a realidade da experiência com Deus, o pregador/a só estará simulando.

Pregação é projeto de Deus para que as pessoas tenham a oportunidade de conhecer a verdade. E isso só se efetiva quando alguém, mais que apresentar uma verdade, compartilha a verdade que conduz à vida; a verdade que o alcançou e mudou o seu viver. Pregar é anúncio e compartilhamento. Ser aprovado diante de Deus como pregador/a é saber manejar bem a Palavra da verdade (cf. 2Tm 2.15); é ser capaz de repartir o pão que nos alimenta com aqueles que precisam desse mesmo pão para poder encontrar vida. Mais do que preocupados com a forma e a beleza da prédica,

⁵MORAES, Jilton. Pedro, o pregador. Brasília: 2017, (digitalizado), p. 32.

devemos nos preocupar com a sua base e o seu conteúdo: há de provir da Palavra e apresentar a Palavra. Pregar é um ato de doação, um ato de fé. Alguém pode pregar sem erudição, porém jamais sem devoção.

2. CONDIÇÃO BASILAR

A maior necessidade da igreja protestante é a de ser alimentada com a Palavra de Deus. Se a pregação não for exposição do *assim diz a Palavra do Senhor* não vale a pena ocupar um lugar no culto e tomar o tempo dos ouvintes. É através da pregação que Deus fala. R. C. Sproul afirmou: “Uma igreja pode ter bons programas para jovens, ou solteiros, mas se faltar a pregação bíblica, não tem nada. Outras coisas são desejáveis, mas a pregação bíblica é a única coisa de que uma igreja realmente precisa”.⁶

Sobre a importância da pregação na vida da igreja, Lloyd-Jones afirmou: “A tarefa primordial da igreja consiste em pregar e proclamar a verdade, em apontar a verdadeira necessidade do ser humano e demonstrar qual é o único remédio, a única cura para tal necessidade”.⁷ Quando a pregação perde o seu sentido na vida de uma igreja, a igreja perde sua força como agência transformadora, diante de uma sociedade carente do pão espiritual.

Muito se tem falado sobre a pregação expositiva na atualidade, embora muitos fujam completamente desse modelo. Na prédica expositiva, independentemente do tamanho do texto bíblico, não só as divisões principais dele procedem, mas todo conteúdo o explana constantemente. “Quanto mais o pregador se aprofunda, estudando o texto numa perspectiva exegética e hermenêutica, mais condições tem o sermão de ser expositivo”.⁸ O texto é, não só relevante, mas indispensável à prédica. E os ouvintes são abençoados em compreender a Palavra. “Se um sermão expositivo não tornar mais clara ao ouvinte as verdades do texto básico, não terá valido a pena pregar”.⁹

O que torna a prédica o mais singular entre todos os discursos? A resposta certamente nos conduz ao caminho da exposição bíblica. E sabemos que sem isso ela jamais será anúncio da Palavra; logo, não será pregação. Ainda assim, ousar apontar, no dizer de Paulo, um caminho ainda mais excelente. O que torna a pregação singular é a sua capacidade de ser anúncio de fé, a sua força de persuadir céticos à crença. O pregador não precisa ficar preso a uma forma sermônica para ser fiel no cumprimento

⁶ SPROUL, R. C. *Estudos bíblicos expositivos em Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 330.

⁷ LLOYD-JONES, D. Martyn. *Pregação & pregadores*. São Paulo: Fiel, 1984, p. 19

⁸ MORAES, Jilton. *Homilética: do púlpito ao ouvinte*. São Paulo: Vida, 2008, p. 173.

⁹ MORAES, 2008, p. 173.

de sua missão, o que precisa é ficar preso à Palavra: proclamá-la para que seja realmente ouvida:

A fé vem por se ouvir a palavra pregada; então, penso assim: sem pregação, sem fé; sem fé, sem Cristo; sem Cristo, sem vida eterna... Para ter o céu, temos que ter Cristo. Para ter Cristo temos que ter fé. Para ter fé temos que ter a Palavra pregada... Então concluo que a pregação é de absoluta necessidade para a vida eterna.¹⁰

A fé vem por se ouvir a mensagem e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo (Rm 10.17).

O texto NVI é próximo da TRADUÇÃO BRASILEIRA, 1954: “A fé vem pelo ouvir, e o ouvir vem pela palavra de Cristo”. Não se distancia também de MT: “A fé é pelo ouvir; e o ouvir pela palavra de Cristo”. As traduções ARA, BJ e NTLH, trazem a palavra pregação – (ARA): “A fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo”; (BJ): “A fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo”; (NTLH): “A fé vem por ouvir a mensagem e a mensagem vem da pregação a respeito de Cristo”. Na TRADUÇÃO INTERCONFESSIONAL lemos: “A fé vem daquilo que se ouve e o que se ouve é o anúncio da Palavra de Cristo”. E A MENSAGEM (Bíblia em linguagem contemporânea) trás: “Antes de crer você tem de ouvir, e a não ser que a Palavra de Deus seja pregada, não há nada para ouvir”¹¹. Essa paráfrase de A Mensagem lembra a declaração de Lutero: “Se a Palavra de Deus não for pregada, é preferível não cantar, nem ler, nem reunir-se para o culto”¹²

Pregar pela fé é, não apenas se preparar adequadamente para comunicar a mensagem em determinada ocasião, mas viver os desafios de Cristo no dia a dia. Mais que ordenar os elementos que formam a prédica, precisamos manter a vida toda em ordem, para que a nossa palavra fale da Palavra e o nosso viver mostre que a Palavra fez e continua fazendo em nós.

3. A FÉ VEM POR SE OUVIR A MENSAGEM

Que mensagem a pregação atual comunica? É lamentável que muito pregador se enquadre nas palavras do profeta Jeremias: “Os sábios serão envergonhados; ficarão amedrontados e serão pegos na armadilha. Visto que rejeitaram a palavra do Senhor” (Jr 8.9). Amós profetizou: “Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome

¹⁰ GEORGE, Timothy. *Lendo as escrituras com os reformadores*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 181.

¹¹ MORAES, Jilton. Por uma Teologia da Proclamação. In: *Tear Online*. São Leopoldo v. 2, n. 1, jan-jun. 2013, p. 57.

¹² LUTERO, Martinho, apud VON ALLMEN, J. J. *O culto cristão*. São Paulo: ASTE, 1968, p. 172.

sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor” (Am 8.11).

Sempre que a pregação se distancia da base bíblica, perde a sua autoridade. A Reforma chama-nos a atenção a esse fato. Ela surgiu em um tempo de afastamento da Palavra, como um protesto contra os abusos da Igreja Católica Romana. Lutero não aceitava a pregação de Tetzl e o comércio das indulgências. Estava convicto de que a salvação era resultado de uma experiência pessoal com Jesus. Por isso, levantou sua voz em protesto contra as indulgências. No dia 31 de outubro de 1517, afixou, na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, suas 95 teses, que deram início à Reforma Religiosa do século XVI. São cinco os principais pilares da Reforma e o primeiro deles fala sobre a Palavra: *Sola Scriptura* – Só a Escritura. É a afirmação da supremacia da Palavra de Deus sobre a tradição. Tudo o que for alheio à Bíblia deve ser rejeitado. A Bíblia não é um entre os livros sagrados; ela é a eterna e infalível Palavra de Deus. A Bíblia é a voz de Deus em linguagem humana.

O desejo dos reformadores era que a Bíblia estivesse enraizada na vida dos servos e servas do Senhor: “A Palavra de Deus não devia ser apenas lida, estudada, traduzida, memorizada e usada para meditação; ela também devia ser incorporada à vida e à adoração na igreja”.¹³

É lamentável que, em termos de púlpito, o momento atual tem tomado a forma dos dias da pré-Reforma. Pregadores/as erguem suas vozes como se fossem a verdade absoluta. A autoridade da pregação, no entanto, não está no pretense poder do pregador, mas na sua capacidade de expor a Palavra de Deus. Precisamos lembrar que “o texto bíblico não é um ornamento na mão do pregador para completar o traje litúrgico ou pastoral; também não é um apêndice ao sermão — é parte dele e sua parte mais importante”.¹⁴ Mais que isso, o texto se torna verdade viva à medida que o pregador/a vive o que prega e prega o que vive.

Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina (2Tm 4.2).

Pregadores iniciantes perguntam: Quanto de Bíblia é necessário para que a Palavra conduza à fé? Aprendemos que a boa pregação é composta de explanação, ilustração e aplicação, em volumes similares: o tempo no púlpito é dividido alternadamente entre os três elementos. A explanação surge do sério estudo do texto bíblico e objetiva a tornar a mensagem mais clara. Para ilustrar, o pregador lança mão de várias fontes,

¹³GEORGE, 2015, p. 181.

¹⁴MORAES, 2012, p. 66.

sempre com a preocupação de utilizar ilustrações críveis, breves, de bom gosto e coesas com o texto e o assunto da prédica. E a aplicação procede do transporte do texto para o momento presente, desafiando os ouvintes a viverem pela fé em Jesus. Em outras palavras: a EXPLANAÇÃO → abre o caminho para a compreensão do texto; a ILUSTRAÇÃO → traz luz para tornar o texto ainda mais claro; e a APLICAÇÃO → ajusta os desafios da prédica (desafios da Palavra) ao viver pela fé. Ou seja, da primeira à última palavra, tudo na prédica tem a ver com a Palavra, sua interpretação, contextualização e desafios.

Nossa preocupação não deve ser com o quanto da Palavra a prédica precisa, mas com a realidade de que não podemos nos afastar da Palavra. O pregador/a autêntico/a, enquanto expõe o texto de sua prédica, objetiva não apenas transmitir conhecimento, mas compartilhar convicções. Conhecimento bíblico e convicções cristãs precisam andar juntos. Não basta conhecer, precisamos crer: “sem fé é impossível se agradar a Deus” (Hb 11.6). O bom pregador considera a utilidade de sua pregação; pede a Deus que a Palavra alcance e faça diferença na vida dos ouvintes.

O sermão se torna útil quando, começando na pessoa do pregador e alcançando os ouvintes, é proferido e ouvido não como peça retórica, a arrancar aplausos da plateia, mas Palavra de Deus, que muitas vezes arranca lágrimas. Quando pregamos convictos de que o sermão é alimento e não ornamento; quando assomamos ao púlpito visando salvação e santificação dos nossos ouvintes, porque, antes da Palavra chegar aos bancos, já alcançou o púlpito. Ou a prédica parte de um coração transformado ou para pouco ou nada servirá.¹⁵

“Pela fé entendemos que o Universo foi formado pela Palavra de Deus, de modo que aquilo que se vê não foi feito do que é visível” (Hb 11.3).

Proclamar a Palavra que conduz à fé demanda adequada compreensão do Deus em nome de quem falamos. Quem é Deus? Que papel ele desempenha na minha vida e na vida das pessoas que ouvem a mensagem? Só com profunda base bíblica e uma correta teologia é possível uma boa pregação. Lloyd declarou: “Pregação é teologia em chamas [...] é quando a teologia extravasa de um homem que está em chamas”¹⁶. Quanto mais arde em nós a chama da fé que um dia nos alcançou, mais condições temos de alcançar os ouvintes com essa Palavra que os conduz à fé. A mais eloquente mensagem sobre a criação não é necessariamente a que vem de profunda exegese dos relatos da ação do

¹⁵ MORAES, Jilton. *Homilética: do ouvinte à prática*. São Paulo: Vida, 2013, p. 296.

¹⁶ LLOYD-JONES, 1984, p. 70.

Criador, mas a que torna evidente a profundidade da fé que o pregador/a tem nesse Deus que, pela sua Palavra, tudo formou. Bonhoeffer afirmou:

Por causa da palavra proclamada o mundo existe com todas as suas palavras. No sermão, é deitado o alicerce para um mundo novo. Nele, a palavra original se torna audível. Não há maneira de evitar ou escapar da palavra falada do sermão, nada nos libera da necessidade desse testemunho, nem sequer o culto ou a liturgia [...] O pregador deve ter a certeza de que Cristo entra na congregação mediante aquelas palavras que proclama das Escrituras.¹⁷

Do conhecimento que temos de Deus depende o modo como prestamos a nossa adoração. A arrogância com que alguns pregadores se dirigem ao Altíssimo mostra o quão distantes estão da verdadeira adoração. Ao contrário do profeta Isaias, eles se colocam em um alto e sublime trono, e, em inversão de valores, decretam as “ordens” que têm para o Criador. Enquanto a experiência do profeta foi marcada pela obediência, a deles é vista pela rebeldia.

“Quando o Filho do homem vier, achará fé na terra?”

A autoridade plena da Bíblia tem sido questionada pelos críticos. “os caprichos da teologia liberal, quer católica romana, quer protestante, não permitem que o pregador use expressões como o *assim diz o Senhor*”¹⁸ Considerando que a autoridade do discurso dos pregadores do Antigo e do Novo Testamento estava na afirmação *assim diz o Senhor*, a força da pregação na atualidade deveria advir da afirmação *assim diz a Palavra do Senhor*; ou ainda, *assim diz o Senhor, através da sua Palavra*. Infelizmente isso está em desuso; o que outrora foi realidade, agora passou a ser raridade.

Pregadores/as já não levam a sério a responsabilidade da pregação da mensagem. Alguns ocupam o púlpito pela simples obrigação de fazê-lo, como um servidor que recebe um salário para prestar determinado serviço. A advertência de John Knox é válida: “Pregador sem preparo é sacerdote infiel. E, a não ser que o pregador tenha principiado, continuado e terminado em oração e louvor, ele não está preparado, por mais sábio, “belo” ou inteligente que seja seu sermão e por mais tempo e fidelidade com que tenha labutado ao mesmo”.¹⁹

4. VASOS NAS MÃOS DO OLEIRO

A fé nos conduz ao conhecimento de Deus; faz desaparecer a distância entre o

¹⁷ FANT, Clyde apud, STOTT, John. *Eu creio na pregação*. São Paulo: Vida, 2003, p. 45.

¹⁸ LARSEN, David. *Anatomia da pregação*. São Paulo: Vida, 2005, p. 24.

¹⁹ KNOX, John. *A integridade da pregação*. São Paulo: ASTE, 1964, p. 77.

finito e o Eterno: temos comunhão com Ele e uns com os outros (IJo 1.7). Apesar disso, essa comunhão com Deus não significa igualdade: somos criaturas e ele, Criador. O Profeta Jeremias descreve sua experiência com essa realidade:

Esta é a palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor: “Vá à casa do oleiro, e ali você ouvirá a minha mensagem”. Então fui à casa do oleiro, e o vi trabalhando com a roda. Mas o vaso de barro que ele estava formando estragou-se em suas mãos; e ele o refez, moldando outro vaso de acordo com a sua vontade. Então o Senhor dirigiu-me a palavra: “Ó comunidade de Israel, será que não posso eu agir com vocês como fez o oleiro?”, pergunta o Senhor. “Como barro nas mãos do oleiro, assim são vocês nas minhas mãos, ó comunidade de Israel. Se em algum momento eu decretar que uma nação ou um reino seja arrancado, despedaçado e arruinado, e se essa nação que eu adverti converter-se da sua perversidade, então eu me arrependerei e não trarei sobre ela a desgraça que eu tinha planejado. (Jr 18.1-8).

Somos simples vasos nas mãos do oleiro. A fé que nos leva a crer nos faz, também, obedecer. Quem mais confia em Deus mais lhe obedece, anda conforme a Palavra dele e tem prazer em proclamá-la. O que autentica o trabalho de um pregador/a não é o pretender dar ordens ao Senhor, mas a submissão de agir como servo/a. Nosso exemplo deve ser o de Jesus: “Não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26.39b).

A Confissão de Fé de Westminster afirma:

Pelo testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço da Escritura Sagrada; a suprema excelência do seu conteúdo, e eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o escopo do seu todo (que é dar a Deus toda a glória), a plena revelação que faz do único meio de salvar-se o homem, as suas muitas outras excelências incomparáveis e completa perfeição, são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a palavra de Deus; contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provém da operação interna do Espírito Santo, que pela palavra e com a palavra testifica em nossos corações.²⁰

Pode haver maior responsabilidade que a do pregador? Karl Barth afirmou: “Deus se faz ouvir; é ele quem fala e não o homem. Este último só anuncia que Deus vai lhe dizer alguma coisa”.²¹ Pregador, mais que proferir um discurso, é ser instrumento nas mãos do

²⁰ MORAES, 2013, p. 266.

²¹ BARTH, Karl. *A proclamação do evangelho*. São Paulo: Novo século, 2004, p. 16.

Senhor para compartilhar sua Palavra, no poder do Espírito Santo, objetivando levar pessoas à fé, através de Jesus, único meio para a completa transformação. Esse milagre só acontece quando nos tornamos simples instrumentos do Espírito Santo para que a verdade do Senhor prevaleça e a vontade dele aconteça. Enquanto a Palavra não passa pela vida do pregador, ele não tem condições de levá-la a outras pessoas. Como poderia ele explicar o que não entendeu? Como transformar ouvintes em praticantes se a Palavra não for primeiramente levada a sério por quem a anuncia?²²

Spurgeon afirmou: “É melhor abolir os púlpitos do que enchê-los de homens que não têm conhecimento experimental daquilo que ensinam”.²³ O conhecimento teórico vem como resultado de uma busca intelectual, mas o conhecimento experimental vem pela experiência, pela vivência, pelo encontro real e esse fenômeno só acontece pela fé. Toda aparente fluência no púlpito perde sua validade se a prédica tem sua base nos conceitos dos homens e não na Palavra de Deus. Pregador/a sem fé é pregador/a sem graça e nenhuma pregação sem graça cumpre plenamente o seu propósito. Muitos pregadores/as, para desviar a carência de conteúdo bíblico experimental, trazem uma fatura de palavras alheias à Palavra. Sabemos, no entanto, que “a mensagem que mais penetra não é a que tem mais palavras, mas a que tem mais da Palavra”.²⁴

“Estes ossos poderão tornar a viver?” [...] ‘Ó soberano Senhor, só tu o sabes’. [...] “Profetize a estes ossos” (Ez 37.3-4).

A pregação é sempre um desafio de fé. O ouvinte é desafiado a crer, a responder pela fé, em obediência à Palavra. Jesus assegurou: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida” (João 5.24). Precisamos considerar que esse desafio de fé, antes de alcançar o ouvinte, alcança o pregador. Foi assim com o profeta Ezequiel. Deus tinha uma mensagem a ser compartilhada ao povo, era a comunicação do impossível, falar a ossos secos que eles tornariam a viver. Não seria simplesmente noticiar que o milagre aconteceria, o profeta precisava crer que esse impossível era possível ao Deus que o desafiava a pregar. A palavra do profeta seria sua comunicação do que Deus tinha a revelar a seu povo: então ele me disse: “Profetize a esses ossos e diga-lhes: ‘Ossos secos, ouçam a palavra do Senhor!’” (Ez 37.4).

Ezequiel estava diante de uma missão aparentemente impossível. Ele devia falar a ossos secos e falar na convicção de que eles escutariam. A ordem, contudo, era não

²² MORAES, 2013, p. 291.

²³ SPURGEON, Charles. *Lições aos meus alunos* (v. II). São Paulo: PES, 1980, p. 6.

²⁴ MORAES, 2016, p. 196.

apenas falar, mas pregar a Palavra do Senhor. Ele precisava crer: “Ouçam a palavra do Senhor!”

5. O MILAGRE ACONTECE

Sabemos que o milagre da pregação consiste no fato de ser ela anúncio da encarnação daquele que desde o princípio sendo a Palavra, estando com Deus e sendo Deus, tornou-se carne e viveu entre nós; manifestando a sua glória, como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (cf: João 1.1,14). A fé cristã quebra as barreiras que impediam o encontro entre o Criador e a Criatura. Paulo nos ajuda na compreensão dessa verdade:

- Cristo realiza em nós o milagre da transformação; valores antigos perdem a validade, surgem nos valores – “Se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2Co 5.17);
- É Deus quem quebra as barreiras que nos separam dele e nos faz partícipes desse ministério – “Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação” (2Co 5.18);
- O milagre acontece porque Deus, em Cristo, pagou o preço da nossa redenção e nos confia a proclamação desta oportunidade de escape - “Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não lançando em conta os pecados dos homens e nos confiou a mensagem da reconciliação” (2Co 5.19);
- Cristo nos torna seus porta-vozes e com uma clara mensagem a comunicar: “Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus” (2Co 5.20).

Stowell afirmou: “O poder só se manifesta quando o sermão segue o que Deus diz no texto. A espada que penetra os lugares mais profundos do coração dos ouvintes, a ponto de discernir as intenções e pensamentos ali ocultos (Hb. 4.12) é a Palavra de Deus, e não a minha”.²⁵

Resultados independem do pregador; tudo vem de Deus. O privilégio é ser cooperador/a, poder lançar a semente: esse trabalho exige o nosso melhor, sem a pretensão de nos apresentarmos como melhores; exige dedicação máxima e a certeza de que não somos maiores; exige que sigamos alegremente, sabendo que, junto com

²⁵ STOWELL, Por que amo pregar, in: KOESSLER, John (editor geral). *Manual de pregação*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 67.

outros irmãos, somos lavouras de Deus e nela está o nosso lugar de serviço.²⁶

Talvez descubramos, depois de termos trabalhado demorada e cansativamente na pregação, que a honra toda pertence a outro construtor, cujas orações foram ouro, prata e pedras preciosas, ao passo que os nossos sermões, sendo apregoados sem oração, não passaram de feno e palha.²⁷

O chamado para pregar a Palavra, longe de ser oportunidade à autopromoção do pregador/a, é desafio para, no exercício dessa proclamação, estar pronto a morrer. “Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas para o matadouro” (Rm 8.36). Precisamos ter em mente que a essência do chamado é seguir os passos daquele que se doou no nosso lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que a grande lição para todos nós pregadores/as é: a prédica precisa começar e permanecer bíblica para cumprir a sua missão. Não estou afirmando que todos os sermões pregados devam ser expositivos, mas que toda prédica precisa ser exposição bíblica para cumprir a sua função. A forma é secundária: o importante é o conteúdo, é o texto bíblico ser básico e nunca pretexto; é o pregador/a manter o equilíbrio entre os fatos do passado, a realidade presente e os desafios futuros, sabendo que “pregação é a comunicação de fatos do passado, com aplicação para o presente e desafios para o futuro”.²⁸ Um sermão monólogo (onde pregação e arte se unem) ou um sermão segmentado (onde palavra e música se unem) pode ser mais eficaz como exposição da Palavra do que um expositivo que não apresenta a Palavra na sua clareza e simplicidade.

Pregador/a que se afasta da Palavra afasta-se do plano de Deus para que as pessoas conheçam a Jesus. “Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus” (1Co 1.18). Que o sentido da nossa pregação seja o de anúncio da Palavra redentiva; que o clímax do nosso labor homilético seja o nome de Jesus, aquele que morreu para dar vida a todos quantos, pela fé, o recebem como senhor. O Senhor exige a nossa fidelidade, como advertiu Paulo: “Portanto, que todos nos considerem como servos de Cristo e encarregados dos mistérios de Deus. O que se requer destes encarregados é que sejam fiéis” (1Co. 4;1-2).

²⁶ MORAES, 2013, p. 24.

²⁷ MORAES, 2013, p. 24.

²⁸ MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao púlpito*. São Paulo: Vida, 2005, p. 51.

REFERÊNCIAS

- BARTH, Karl. **A proclamação do evangelho**. São Paulo: Novo século, 2004.
- GEORGE, Timothy. **Lendo as escrituras com os reformadores**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- KNOX, John. **A integridade da pregação**. São Paulo: ASTE, 1964.
- KOESSLER, John (editor geral). **Manual de pregação**. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- LARSEN, David. **Anatomia da pregação**. São Paulo: Vida, 2005.
- LLOYD-JONES, D. Martyn. **Pregação & pregadores**. São Paulo: Fiel, 1984.
- MORAES, Jilton. **Pregue mais em menos tempo**. Curitiba: Luz e Vida, 2016.
- _____. **Pedro, o pregador**. Brasília: 2017. (digitalizado).
- _____. **Homilética: do ouvinte à prática**. São Paulo: Vida, 2013.
- _____. Por uma Teologia da Proclamação. In: **Tear Online**. São Leopoldo v. 2, n. 1, jan-jun. 2013.
- _____. **O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito**. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- _____. **Homilética: do púlpito ao ouvinte**. São Paulo: Vida, 2008.
- _____. **Homilética: da pesquisa ao púlpito**. São Paulo: Vida, 2005.
- SPROUL, R. C. **Estudos bíblicos expositivos em Romanos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SPURGEON, Charles. *Lições aos meus alunos* (v. II). São Paulo: PES, 1980.

STOTT, John. *Eu creio na pregação*. São Paulo: Vida, 2003.

VON ALLMEN, J. J. *O culto cristão*. São Paulo: ASTE, 1968.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional